



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 27 - 49

Os olhares na con-vivência com o HIV The sights on living-with the HIV

Cícero Benedito Vasconcelos Lalá de Oliveira

Resumo

O HIV se determina para além de um vírus que proporciona a imunodeficiência; é uma nosologia que perpassa todos os âmbitos do indivíduo, acometendo-o em uma perspectiva existencial. Junto do diagnóstico, há também a vivência do estado estigmático de ser uma pessoa con-vivendo com o HIV, onde ao atravessar toda sua dinâmica de mundo, acaba por afetar diretamente a percepção-de-si do sujeito. Havendo este contexto, este estudo objetivou a compreensão, sob à luz da Psicologia Fenomenológica-Existencial, do modo como as pessoas con-vivendo com o HIV estabelecem os sentidos e a compreensão de si-mesmos dentro deste diagnóstico. Foi utilizado do método fenomenológico de pesquisa em psicologia de Giorgi, utilizando para a análise os aportes de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. O processo metodológico foi composto por sete entrevistas semi-estruturadas e áudio gravadas, em conjunto com diário de campo e uma atividade determinada como Auto Retrato, dispostas em três categorias de análise. Ao fim, pôde se verificar que os participantes incorporaram o estigma do HIV em sua dinâmica existencial, havendo um efeito direto na percepção que estabelecem de si-mesmos, dos outros e do mundo; assumindo uma postura mais hesitante no relacionar-se. No entanto, não se apresenta de modo unívoco, com os participantes apresentando uma perspectiva de si para além do diagnóstico, desvelando-se e compreendendo-se como projeto; ou seja, capazes de designar seu progresso vivencial e como seres de possibilidades.

Palavras-chave: HIV; Estigma; Fenomenologia; Facticidade; Diagnóstico.

Abstract

The HIV determines itself to be a virus that goes beyond the provision of immunodeficiency; it's a nosology that runs through every ambit of an individual, charging him in an existential perspective. With the diagnosis, there is also the experience of the stigmatic state that is to be a person living-with HIV, which when traversing through its world dynamic, that ends up affecting directly its perception-of-itself. With this context, this study is aimed at the comprehension, under the light of Existential-Phenomenological Psychology, of how that people living-with HIV conceive meaning and the understanding of themselves from inside the diagnosis. It was used the phenomenological method of research in psychology by Giorgi, using in the analysis the contributions of Martin Heidegger and Maurice Merleau-Ponty. The phenomenological process was composed of seven audiotaped semi-structured interviews, in conjunction with a field diary and a determined activity called Self Portrait, disposed into three analytical categories. At the end, it was capable of verifying that the participants incorporated the stigma of HIV into their existential dynamic, providing a direct effect on the perception that they establish about themselves, of the others and the world; assuming a more hesitant posture in their relations. However, it doesn't present itself in a univocal fashion, with the participants presenting a self-perspective that goes beyond the diagnosis, unveiling and comprehending themselves as a project; to rephrase it, capable of designing their experiential progress and as beings with possibilities.

Keywords: HIV; Stigma; Phenomenology; Facticity; Diagnosis.



Introdução

Inicialmente, para compreender a dimensão do HIV/Aids, é necessário separar um do outro. O HIV (Vírus da Imunodeficiência Adquirida) é um retrovírus, sendo o causador da AIDS; pode ficar incubado por muitos anos, agindo diretamente no sistema imunológico. Portanto, a AIDS se estabelece como uma doença clínica que decorre do quadro causado pelo HIV, onde ocorre uma supressão intensa da imunidade, ocasionando neoplasias, doenças neurológicas e infecções oportunistas (Moreira *et al.*, 2010).

A vivência dentro do diagnóstico de HIV, desde o advento da terapia antiretroviral (TARV), tomou a proporção de uma doença crônica. Assim, a postura frente o quadro clínico mudou de uma sentença de morte, para uma doença de carácter crônico. Junto desta característica mudança, o modo de se pensar o cuidado para com a pessoa vivendo com HIV também se transforma, assumindo um foco em qualidade de vida (Castrighini *et al.*, 2013).

Os modos de transmissões se dão por meios que combinam a transmissão sanguínea, via uso de drogas injetáveis ou transfusão sanguínea; a transmissão sexual; e a transmissão vertical, via gestação, parto ou amamentação. Estes fatores corroboraram para a difusão rápida, transformando em uma das maiores epidemias do mundo (Laray, 2014). Para a OMS, a transmissão sexual é modo de contágio mais comum em todo o mundo (Sá; Santos, 2018).

Há de se atentar – também – para a compreensão que o HIV não se compreende mais como uma epidemia meramente biológica, mas como um fenômeno social com reverberações diretas ao âmbito público dos indivíduos. Este contexto, é estabelecido como o estigma social do HIV, se apresentando como uma dimensão tão incapacitante como a própria doença (Moreira *et al.*, 2010).

Com isso, como proposto por Sá e Santos (2018), é justamente nesta lida com o outro que as dificuldades aparecem, como: o receio do compartilhamento do diagnóstico/ medo da perda do parceiro por conta dos conflitos ou adoecimentos; ou em relação a mágoas auto direcionadas devido a aquisição do HIV. Em corroboração aos pontos anteriores, Gonçalves *et al.* (2009) apresenta outra dificuldade: a diminuição e/ou perda do desejo e da satisfação sexual.



Estes efeitos se estabelecem em decorrência de aspectos paralelos a vivência com o HIV, como: a depressão, a baixa autoestima, o medo de reinfecções, a lembrança da presença do vírus, a dificuldade em manter o uso de preservativos e as alterações corporais decorrentes do uso dos antirretrovirais.

Para Moreira et al. (2010), a vivência deste diagnóstico é permeada pela categorização do estigma social. O estigma se estabelece como uma construção sócio-legitimada, dirigida para o discordante de uma norma pré-estabelecida. Assim, para os categorizados neste grupo, são determinados: o ostracismo, rejeição e redução do espaço social. No contexto da pessoa que vive com o HIV – havendo o contato direto com a experiência do estigma –, uma opção que se mostra presente é a do esconder o quadro clínico, justamente por conta do receio da discriminação.

Outro fenômeno que corrobora para o ostracismo estabelecido para os infectados pelo HIV, é o da moralidade. Inicialmente, para estabelecer um controle da epidemia, os profissionais de saúde designaram grupos em específico, que possuíam maior pré-disposição para o contágio, delimitados por: pessoas do sexo masculino; homossexuais; bissexuais; pessoas de elevado nível socioeconômico, usuários de drogas injetáveis ou receptores de sangue (Perucchi et al., 2011).

No entanto, ao haver a compreensão de que a epidemia não mais se apresentava unicamente a estes grupos restritos, houve então a determinação da categoria de comportamentos de risco. Não mais atreladas a grupos específicos, mas a práticas que propiciavam a possibilidade de infecção, como sexo sem preservativos e a injeção indiscriminada de drogas (IBIDEM).

Portanto, seja na categorização de grupos de risco como no comportamento de risco, a valoração sempre se mostrou presente, justamente por se apresentar como uma conduta de caráter desviante carregada de um sentido “sócio-atribuído” a um castigo por um comportamento ilícito. Esta associação pode acarretar na diminuição da autoestima, isolamento



social dificuldade de estabelecer relacionamentos afetivos, assim como a perda da vontade de viver. (Poletto et al., 2015)

Castrighini et al. (2013) em seu estudo identificou que as pessoas vivendo com HIV acabam por exibir um coeficiente de autoestima inferior aos de pessoas com outros tipos de doenças crônicas. Outro ponto a se atentar neste estudo, é a relação entre a variável da autoestima em relação a adesão ao tratamento e autocuidado; onde as pessoas com um índice inferior de autoestima acabavam por não seguir o tratamento antirretroviral.

Em corroboração ao ponto ofertado por Castrighini, o trabalho de Freitas, Gir e Martins (2000) oferta uma visibilidade mais aprofundada na dimensão da vivência do HIV de três mulheres; onde a perspectiva da afetividade também foi capaz de influenciar diretamente na capacidade de se experimentar o próprio corpo e a relação sexual.

Voltando ao ponto da dimensão do estigma, Poletto et al. (2015) trazem que as associações discriminatórias provenientes do estigma acabam por afetar negativamente a busca ativa pelo tratamento ou prevenção, muito devido ao medo do isolamento ou rejeição social. Esta sensação de rejeição acaba sendo exemplificada pela busca de não mais se relacionar afetivamente, acentuando a crença de desvalor devido ao caráter valorativo estabelecido pelo estigma.

É necessário apontar que junto do advento do diagnóstico há também um processo de marcante re-significação da vida, justamente por conta das novas facticidades que se apresentam: a culpa pela infecção, o quadro clínico, o estigma social, as recomendações de saúde, etc. Nesta nova movimentação, a perspectiva de significação do diagnóstico não se apresenta mais de modo unívoco; com a possibilidade de apropriação da própria vida por parte dos diagnosticados.

1. Metodologia

Esta pesquisa foi estabelecida dentro da perspectiva qualitativa, utilizando do método fenomenológico-psicológico de Amedeo Giorgi (2010), que se estabelece de modo exploratório



frente as descrições do indivíduo acerca de suas vivências. Estas descrições foram adquiridas por meio de entrevistas audiogravadas, tendo como início uma questão norteadora. O processo analítico seguindo as determinações de Giorgi, ocorreu seguindo 4 passos:

Quadro 1: Etapas analíticas do método fenomenológico-psicológico de Giorgi

<p>1ª Etapa: <i>Estabelecer o sentido do todo</i></p>	<p>A primeira etapa de análise consiste no estabelecimento do sentido do todo, onde o pesquisador lê calmamente as transcrições em sua completude. Nesta etapa, busca-se a realização da redução fenomenológica, objetivando o sentido da experiência em sua globalidade. No decorrer do método, torna-se visível uma inter-relação entre as partes e o todo do método, que será mais explícita no processo de determinação de unidades de significado e na transformação das expressões.</p>
<p>2ª Etapa: <i>Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado</i></p>	<p>O segundo processo é o de determinação das partes – ou, a divisão das unidades de significado –. Após o processo anterior de apreensão do sentido geral, retorna-se a leitura das transcrições, mas desta vez com o objetivo de reduzir elas em partes pequenas. Estas partes pequenas são chamadas de unidades de significado, e propiciam uma análise mais aprofundada dos discursos. Este processo se repete até o fim das transcrições, obtendo a divisão das unidades de significado. Estas unidades não existem por si mesmas, e sim são dependentes da escolha do pesquisador em relação a disciplina assimilada por este, corroborando para a análise pelo viés em questão.</p>
<p>3ª Etapa: <i>Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico</i></p>	<p>O terceiro processo é o da transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico. Primeiramente, o pesquisador leu as transcrições</p>

	<p>objetivando um sentido global. No segundo passo, seccionou extratos dos discursos dos participantes em unidades de sentido, que corroboram com o objetivo da pesquisa em questão, mas sem deturpar o sentido atribuído originariamente pelos indivíduos. É nesta terceira etapa que o discurso oriundo das perspectivas vivenciadas – o famoso senso-comum – se transformam – por meio da análise eidética e da redução fenomenológica – em expressões que buscam exhibir e clarificar o significado psicológico descrito pelos participantes. O objetivo deste método é o do desvelamento do discurso vivenciado e sua articulação com o tema proposto pela pesquisa. É nesta etapa que o pesquisador vai descrever as intenções psicológicas contidas em cada uma das unidades de significados.</p>
<p>4ª Etapa: <i>Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos</i></p>	<p>Na última etapa de análise tem-se a determinação geral dos significados psicológicos. Anteriormente, na terceira etapa, termina-se com a análise de um conjunto de unidades de sentido transformadas em linguagem psicológica e articuladas com o tema em questão. Utilizando da variação livre imaginativa, transforma-se todas as unidades de sentido em uma estrutura descritiva geral, englobando os sentidos que mais permaneceram em destaque já permeados pela linguagem psicológica. Basicamente, ao fim, o último passo do método consiste em uma síntese das unidades de sentido.</p>

Fonte: Giorgi, A. & Souza, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Fim do Século.

Além da entrevista, o outro instrumento utilizado para a análise foi o diário de campo. Segundo Freitas & Pereira (2018), o diário de campo se estabelece como um instrumento metodológico que visa o registro das ações vivenciadas durante uma atuação, dentro de uma perspectiva menos institucionalizada e mais prática.

Em corroboração a entrevista, também foi utilizado do Auto Retrato. Este instrumento de aporte estabelecido pela crítica genética (Willemart, 2008; Salles & Cardoso, 2007), focaliza na análise documental do processo criativo de um artista frente sua obra, onde as anotações,



esboços, diários e qualquer outra forma de registro suplementar, acabam por assumir um papel importante na capacidade analítica do que é proposto pelo artista.

O procedimento de coleta foi iniciado primariamente pela assinalação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por meio do participante que, após a primeira etapa, foi requisitado que realizasse um Auto Retrato com o seu celular. Com a foto em mãos, foi perguntado do participante: “O que você poderia me falar dessa pessoa? Se tivesse de apresentar essa pessoa, o que você diria?”. Após a realização destas perguntas como questões norteadoras, foi desenvolvida o resto da entrevista.

Participaram desta pesquisa 7 pessoas de ambos os gêneros, sendo 4 homens e 3 mulheres. Foi considerado critério de inclusão possuir o HIV por mais de 12 meses e sentir a necessidade de contato afetivo dentro do período pós-diagnóstico. Todos os participantes foram maiores de idade, sendo responsáveis por si mesmos. Os colaboradores foram definidos como: Bouguereau, Le Brun, Cassatt, Warhol, Bosch, Dürer e Gentileschi.

O local de pesquisa definido foi na Associação de Amparo Social Frei Mário Monacelli, que oferece apoio a pessoas convivendo com o HIV. A pesquisa teve seu início com a aquiescência da instituição, assim como pela aprovação do CEP/UFAM (Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas)

2. Resultados e discussão

Embasado nos pontos propostos por Giorgi e Souza (2010), foram analisadas as Unidades de Significado, das quais serviram de base para a elaboração das categorias temáticas. A partir destas, foi utilizado como aporte analítico as teorias fenomenológicas de Martin Heidegger, compreendidas na obra *Ser e Tempo* (Heidegger, 2018); e Maurice Merleau-Ponty, em seus escritos: *Fenomenologia da Percepção* (Merleau-Ponty, 2011) e *Conversas*, 1948 (Merleau-Ponty, 2004).

As categorias temáticas elaboradas com base nas entrevistas foram:

- a) **O olhar que eu lanço sobre mim;**
- b) **O olhar que o outro lança sobre mim;**



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

c) O olhar que eu lanço sobre o outro.

Estas categorias estão fundamentadas metodologicamente na proposta apresentada e denominada de Auto Retrato. Momento em que o participante apresentava a si mesmo, a partir de um selfie. Na própria constituição do que se manifesta como arte, é necessário trazer a perspectiva de Merleau-Ponty (Matthews, 2011; Merleau-Ponty, 2004; 2011; Nóbrega et al., 2008), que dentro do processo de criação deste Auto Retrato, não ocorreu aquilo que se estabelece como uma mera representação dos indivíduos; mas sim, um mundo próprio, uma expressão que mesmo possuindo sua base estabelecida dentro da realidade, a articulação dos discursos em relação a foto, apreende uma determinação estética:

O fotógrafo não posiciona simplesmente a câmera frente à cena para que a luz penetre pela lente e registre o que está diante dela. Ao contrário, ele escolhe o ângulo e a distância em que a fotografia é tirada, compõe o quadro no visor e pode obter outras ‘interferências com a natureza’ durante o processo (Matthews, p. 174, 2011).

A proposta culminou em concepções importantes de serem trazidas como primeiro plano, dispostas entre as três categorias. Apresentou-se um contexto em que conforme preconiza Castro (2020), caracteriza a Clínica dos três olhares, a autoconcepção se fez presente em cada um dos discursos e pode-se compreender a pluridimensionalidade desse “olhar”, no que tange ao olhar sobre si mesmo, o olhar sobre o outro e o olhar sobre o olhar do outro, apresentados a partir das categorias:

a) O olhar que eu lanço sobre mim

Apresentação. Auto apresentar-se. Exposição. Auto exposição. Encontram-se nos discursos a concepção de cada um dos colaboradores da pesquisa sobre si mesmos, sobre a pessoa que se vê na selfie. Assim, conseguiu-se perceber:

Um aprendiz



Um rapaz [...] que mesmo um pouco avançado na idade ainda está descobrindo o mundo. Que gosta de fazer novas amizades. E tá sempre escutando e falando algumas coisas. Enfim, é um cara que gosta de aprender. – Bouguereau

Um misto de adjetivos

[...] eu me considero uma mulher lutadora, guerreira e mãe de 3 filhos. [...] eu me vejo uma mulher vencedora, né? Apesar das lutas, dos problemas que toda a família tem, mas [...] Eu me considero uma pessoa humilde, mas feliz, né? [...] Uma pessoa de bom caráter, honesta [...] É [...] E autoritária. Posso dizer isso. – Le Brun

[...] uma pessoa alegre. Feliz. De bem com a vida. E [...] Vivendo, do jeito que eu gosto. [...] Eu me vejo uma pessoa normal! Como todas as pessoas! Eu sou uma pessoa normal. Brinco, me divirto sem problema nenhum. – Cassatt

Comunicativo

Bom [...] Eu sou assim, eu não sou muito sorridente; a não ser que tenha muitas coisas alegres. Não sou muito de ficar alegre. Mas, eu sou alegre, entendeu? Eu não sou muito de ficar conversando; mas, sou muito [...] Comunicativo! E [...] Eu gosto muito de observar! No meu caso, eu gosto muito de observar, gosto mais de ouvir do que falar, no caso. E [...] Eu sou assim, de acordo com o que a pessoa fala, aí [...] Eu também gosto de me conectar a conversa delas. É assim que eu sou. – Bosch

Um ser humano

Um ser humano, né? Como [...] em igualdade social como qualquer outra pessoa, entendeu? Então. Eu não vejo [...] Desigualdade entre mim e você, ou qualquer outra pessoa. Ou gênero, ou cor, tá entendendo? Eu me apresento dessa forma. Como um ser humano, como todo mundo. – Dürer

Pessoa do bem



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Uma pessoa... Uma pessoa bacana, não sei. Talvez seja isso (risos). [...] Uma pessoa do bem [...] que gosta de ajudar as pessoas [...] que quer ver o bem, além do dela, e das pessoas. Gosta também de- de- plantas. Gosto muito de plantas. Acho que seja isso. – Gentileschi

Permeado nestes discursos, está aquilo que Heidegger estabelece como a instância do mundo-próprio; onde há também de se acentuar a própria perspectiva direcionada ao corpo-próprio, como estabelecido por Ponty, onde a percepção de quem se está sendo é mediada pelo corpo:

Sempre tive meu corpo- Sempre fui seco. - Warhol

Warhol, em específico, se demonstrou como um dos mais atípicos participantes dentro na atividade do selfie, justamente por conta de:

Ao iniciar a entrevista, na etapa de registro do Auto Retrato, havia pedido a ele que fizesse o selfie. Ao pedir isso, ele requisitou um pouco de tempo e se direcionou para sua bolsa. Dela, retirou um óculos escuro arredondado, que colocou em seu rosto. Fazendo isso, ele perguntou se podia; falei que ele poderia se sentir à vontade para tirar a foto como quisesse. Warhol ajustou levemente o cabelo e retirou a selfie. (DIÁRIO DE CAMPO/ CÍCERO/20.10.2020)

Este fenômeno é corroborado pelo modo como Warhol estabelece a si mesmo, seccionando sua identidade sob duas imagens: Um, onde a vivência do diagnóstico é explícita, permeada pelo ambiente do tratamento; e o que ele categoriza como “lá fora”, onde as pessoas o conhecem por um nome distinto, ausente da elaboração estigmática do HIV.

Meu nome é XXXX (*outro nome*). O pessoal me conhece só como XXXX, entendeu? O pessoal lá de fora me conhece por XXXX, aqui- Lá- É- Outro. – Warhol

Para Heidegger, o mundo é inalienável. Dentro de sua perspectiva de mundo (Welt), há aquilo que ele atribui como mundo-próprio (Selbswelt). Esta instância da mundanidade que é



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

marcada pela relação consigo mesmo, onde o sujeito é capaz de estabelecer as suas possibilidades, quem este ser está sendo (Castro, 2020; Porto, 2018).

Frente ao ato de Warhol em utilizar dos óculos para a realização de seu Auto Retrato, um extrato de Ponty acaba por trazer uma luz interessante:

O pensamento moderno é difícil, inverte o senso comum porque tem a preocupação da verdade, e a experiência não lhe permite mais ater-se honestamente às ideias claras ou simples às quais o senso comum se apega porque elas lhes trazem tranquilidade. (Merleau-Ponty, 2004, p. 9)

Esta ação expressiva é bastante indicativa de sua forma bastante específica de lidar com a realidade. De sua própria corporeidade, seu corpo-próprio, de seu envolvimento ativo com a realidade que lhe foi apresentada (Matthews, 2011; Merleau-Ponty, 2011).

O colocar de seus óculos, então, faria parte daquilo que Ponty estabelece como o esquema corporal, o entrelaçamento do indivíduo com o mundo. Ou seja, neste ato, Warhol trouxe muito mais verdade sobre sua relação com o mundo, do que se tivesse tomado a opção de não utilizar dos seus óculos (Oliveira, 2015).

Em conjunção ao proposto por Ponty, dentro do discurso de Warhol há também a possibilidade de se verificar a característica do estabelecido do ser-com (*mitsein*) em relação ao impessoal (*das man*), constituindo a dinâmica entre a autenticidade e a inautenticidade. Para Heidegger (2018; Gerner, 2017), não há como pensar o *dasein* como dissociado de sua relação com os outros; é uma parte intrínseca e constituinte do ser. Há, porém, a possibilidade de alienação desta capacidade própria; a instância da *impessoalidade*. É pelo impessoal que o esquema do cotidiano se apresenta, a forma de viver de cunho desapropriado e irrefletido, mediana em sua ontologia. E é nessa lida com os outros que o *dasein* se vê frente a instância da impessoalidade, não determinada como uma imposição de um outro ou outros; mas como o modo do ser-cotidiano, que não perspectiva suas ações de apropriação da própria existência. Ou seja, cair sobre o impessoal é estar dentro daquilo que Heidegger definiria como inautêntico



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

(*Uneigentlichkeit*), uma forma de ser imóvel às imposições da impessoalidade; um modo de ser oposto ao autêntico (*Eigentlichkeit*), que expressa como uma forma muito própria e única de ser em relação as coisas, em direto contraponto a instância impessoal.

Esta autenticidade, neste quesito, se apresenta justamente por conta da percepção; esta atribuída por suas experiências muito próprias, pautadas na relação do universo indecomponível apresentado dentro do conceito Merleau-Pontyano de corpo. Todos os participantes apresentam no decorrer de suas falas a dimensão do *ser-em* na dimensão do HIV. Mas, como já visto, este *corpo* é pautado dentro da relação mundo+corpo, além de também se constituir como intercorporeidade. Estes conceitos oriundos da fenomenologia da percepção de Ponty, se estabelecem com bastante semelhança a característica *ecs-tática* do *dasein* Heideggeriano. Ou seja, que não é dentro do ensimesmamento que o *ser* se encontra como autêntico. Ele está-sendo fora. Disposto sobre o mundo, em relação a este (Matthews, 2017; Merleau-Ponty, 2011).

Esta instância pode ser bem demonstrada pela visão proposta por Bouguereau, que demonstra ativamente este seu ponto, vendo-se como um aprendiz; ou Bosch, que se vê como um sujeito comunicativo. A compreensão de si, então, é pautada nessa relação intrínseca dentre os participantes e suas conjecturas; onde seus corpos-próprios vivenciam e percebem seus contextos e este conjunto chamado mundo. Há um direcionamento, uma transcendência dialógico-dialética que compõe essa mundanidade; da qual a síntese se estabelece como aquilo que é visto como “eu”. Este compêndio sintético dotado e estabelecido por esta relação corpo+mundo, se estabelece dentro do fenômeno conceituado por Ponty como intercorporeidade, ou aquilo que Heidegger chamaria de mundo-próprio (Castro, 2017; 2020; Porto, 2018; Matthews, 2011; Merleau-Ponty, 2011).

Para Heidegger, o mundo próprio se constitui como essa forma muito própria do indivíduo se relacionar consigo mesmo. É por ele que se determina o modo como o *dasein* é capaz de se autorreconhecer, de compor seu autoconhecimento. É estritamente ligado com as características do mundo circundante, justamente pela relação indissociável que é estabelecida entre o indivíduo e as normas provenientes de sua relação com o mundo. Ou seja, é neste mundo-próprio que os participantes podem estabelecer uma compreensão de si, algo que se



estabelece como uma forma sintética das relações entre eles mesmos e seus mundos, que acaba sendo exposto pela perspectiva que eles possuem acerca do seu Auto-Retrato.

b) O olhar que o outro lança sobre mim

E as experiências de suas relações interpessoais são trazidas, pela primeira vez, no momento em que os colaboradores revelam suas percepções sobre o olhar do outro lançado em sua direção. Assim, o olhar do outro é concebido sob aspectos identificatórios expostos em seguida:

Acessibilidade ao outro

O pessoal diz que eu sou bem acessível. Procuo ver o lado das pessoas, eu gosto de conversar um pouco. [...] quando estou em uma roda, gosto de pelo menos colocar um ou dois pontos do meu ponto de vista, pra acrescentar alguma coisa. Mas, eu não joga uma bomba no pessoal não, deixo eles encucados [...] Meio que se questionando [...] E depois que eu vou dizendo aos poucos o que eles pretendem no meu ponto de vista. – Bouguereau

Preconceito e discriminação

Pois eu olhava no bairro [...] Eu via que as pessoas que olhavam como se eu tivesse uma doença contagiosa [...] como uma lepra, né? E morrer. As pessoas tinham medo. – Le Brun

Alguém como nós

E tem gente que já falou pra mim, realmente; olhar pra mim e não imaginar que eu era. A pessoa falou pra mim, "Você não tem jeito que você é soropositivo.". "Por quê?". "Você parece uma pessoa muito bem. Você é ativa pra tudo.". "Sim; mas, felizmente, eu me cuido. Tomo minha medicação. Faço meu tratamento. Meu acompanhamento médico. Meus exames. [...] Quando a pessoa me traz esse tipo de coisa, eu me sinto bem. Porque eu acho que a pessoa dá a entender que ela imaginaria que eu era assim. [...] eu não sou excluída da casa delas. Eu chego lá, eu deito na cama delas. Eu uso o banheiro, eu durmo com elas. Tudo normal. Nenhum momento eu sou desprezada. – Cassatt



O outro desconhece meu quadro

As pessoas que tem dinheiro... O pessoal não me conhece como *****(nome real), mas como XXXX (apelido). Eu trabalho num [...] faz mais de 18 anos, e o pessoal não sabe que eu sou soropositivo. Nem desconfiam. [...] Aqui o pessoal me conhece por *****. Ninguém sabe que lá fora eu sou o XXXX. – Warhol

Não posso mostrar quem sou

Me chamam de doido. [...] As outras pessoas vão me evitando; [...] Lá onde eu moro, muita gente pensa que eu tô doido de verdade. Até porque eu tenho passe livre, e eles pensam que esse passe livre é de doido. Aí, quando as pessoas veem- Aí quando uma pessoa quer ver, eu faço questão de mostrar. Às vezes eu tô na parada, e eu vejo aquela pessoa, e falo ‘Olha quem tá aqui?!’. Aí, eu pego a minha carteirinha e faço um monte de gestos e elas veem, né? E elas acabam acreditando nisso. ‘Rapaz, ele é doido mesmo.’ – Bosch

E a culpa se faz...

[...] É como se a gente tivesse algo que... Fosse machucar as outras pessoas. – Dürer

Não me julguem, não sabem quem sou!

Assim, de contar e depois de quererem julgar a gente, né? E o fato de que sou meio... encenqueira, sabe? E, aí, eu vou partir pra cima- Eu respeito muito; mas, eu também exijo respeito, né? Eu sou assim, se você tem algo que não quer me contar, eu respeito. Mas- "Ah, por quê tu faz isso?"- Sabe? Tem pessoas que já fizeram isso comigo.” – Gentileschi

Heidegger propõe outro conceito essencial para o ser-aí (dasein), o ser-com (mitsein). Pensar o ser, é pensar o ser intrinsecamente com outros. O dasein existe em função dos outros, pois não há como pensar uma existência sem a característica deste. Dentro de sua perspectiva, um indivíduo somente pode compreender a si mesmo, estabelecer-se frente a relação com este outro. É a característica mais fundamental do dasein (Castro, 2017; 2020; Filho, 2010).



Este ponto, é bastante visto dentro do discurso dos colaboradores da pesquisa. De um lado, temos o discurso de Bosch, onde as pessoas constantemente o definem como “doido”, por conta de quem ele se apresenta. De outro lado, temos a experiência de um olhar do outro que nega a doença, que nega o estigma, equilibrando a percepção do indivíduo como se o vírus não existisse, como Cassatt traz.

Nestes pontos, sobre este olhar direcionado pelos participantes a expectativa de que seria o olhar do outro, é que se desvela grande parte de seus sofrimentos. Ocorre aquilo de Castro (2020) propõe como o fechamento de si mesmo, do cerceamento do *dasein* para atender esta perspectiva lançada sobre “eu acho que o outro quer isso ou aquilo de mim” (IBIDEM), muitas vezes com a pessoa não percebendo a dimensão derivativa de sua fala.

Este ponto, se expõe pelo discurso de Dürer, que se sente como se tivesse algo que fosse machucar os outros. Ou Le Brun, que percebia os olhares direcionados a ela carregados de preconceito.

É dentro deste mundo circundante, que estes sujeitos trazem as perspectivas que devem ou deveriam ser. Assim,

[...] acabamos mergulhados em nãos, em imposições muitas vezes estapafúrdias e sem razão de ser, propiciando dor e sofrimento por não concordarmos com o que está previamente designado como lei. (IBIDEM, p. 162)

O que é mais característico deste mundo circundante, é aquilo que Heidegger traz como a impessoalidade. Um constructo pautado pelo já exposto das Man (impessoalidade), onde o indivíduo perde o foco de sua própria existência, vivendo em plena função da perspectiva que tem sobre o olhar deste outro (Angerami-Camon, 2019; Castro, 2019; Gorner, 2017).

O *dasein*, como já exposto anteriormente, se apresenta como *ecs-tático* – direcionado para fora, em constante abertura para com o mundo. No entanto, dentro da inerência da inautenticidade, acaba por ocorrer o processo de afastamento da capacidade de ser. Assim, apresenta-se então a *decadência* (*verfallen*), onde o sujeito – não mais apreendido pela abertura característica do *dasein* – se perde dentro da dinâmica do impessoal, não assumindo mais a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

responsabilidade pela própria existência, cerceando a sua própria capacidade de se projetar (Braga & Farinha, 2017; Gorner, 2017; Heidegger, 2018; Porto, 2018).

Este ponto, é bastante visto dentro do discurso de Le Brun, que se via apreendida pelo preconceito e a discriminação em seu antigo bairro; ou Dürer, que se percebe acometido por uma sensação de culpa devido a capacidade de transmissão do vírus que carrega.

Como dispôs Castro (2020), é justamente nesta lida com esta perspectiva que a pessoa lança sobre o olhar deste outro, que é possível observar um olhar muito próprio para si-mesmo. Se compreende em um olhar primariamente estabelecido por um outro, porém dotado de expectativas e idealidades do que a pessoa supostamente deveria ser; ensimesmando-se em uma perspectiva impessoal.

No entanto, é necessário também apontar, que há também características opostas nos discursos dos outros participantes. Como Cassatt, que expunha que ser portadora do vírus não a cerceou ao senso-comum atribuído; não a impedindo de sua característica de projeto, sua capacidade ecs-tática – esta capacidade de se compreender como um ser com capacidade de construção, capaz de ir além de sua característica fática – além do seu caráter de lançado (geworfenheit), compreendendo-se como uma forma de ser autêntica (Heidegger, 2018; Gorner, 2017).

O existir autêntico se estabelece pelo dasein que se apreendeu – aceitando-se – como um projeto oriundo do lançado. É a partir da aceitação daquilo que se fora, que o dasein se apresenta como autêntico. É o que permite que o dasein seja quem ele é. O tempo é o constituinte do dasein. Mas, não o tempo como sucessão de fatos; mas um modo de relação pautado naquilo que se foi, naquilo que se apresenta e naquilo que virá-a-ser (Gorner, 2017; Heidegger, 2018).

c) **O olhar que lanço sobre o outro**

Na medida em que o outro me olha, o contraponto se faz: lanço sobre ele o meu olhar. E neste:



Processualidade

[...] Eu sempre olhava pra pessoa como se ela estivesse me recriminando, ou alguma coisa assim parecida. Aí eu me abri pra alguns familiares. Já tinha percebido que eles tinham a mente aberta, que dava pra entender. Outros eu me fechei, que eram aquelas pessoas... Parentes, que a gente tinha de aturar. Alguns amigos também. Alguns amigos viraram colegas, alguns colegas viraram amigos. Eu conheci várias pessoas. Ganhei mais informações... Fui amadurecendo, digamos assim. – Bouguereau

Temor pela possível ação

Não vou sair contando pros meus vizinhos. Não dá. Eu gosto dos meus vizinhos, considero bastante; mas, não falo, pois eu não sei o que uma pessoa dessa vai falar de mim. Se ela fizer que nem no passado? Sair falando mal de mim, no bloco? Na quadra? Como é que vai ficar a minha imagem? Entendeu? [...] – Le Brun

[...] tem momentos em que a gente pensa em contar pra algumas pessoas e... Percebe que a pessoa vai te rejeitar pelo modo de ela: pensar; falar e olhar. – Cassatt

Mano... Quando eu vou lá no Tropical, eu me escondo de todas as formas, porque eu sou muito conhecido aqui em Manaus. Então, o pessoal me conhece mais pelo meu nome XXXX. Eu soube de pessoas que você nem imagina que sejam. Mano, eu fico passada. – Warhol

Eu me sinto como se elas tivessem sendo enganadas por outras pessoas. [...] eu falo, ‘Doido? Doido é vocês me chamando de doido. Tá me chamando de doido só porque outra pessoa falou. Só por isso. Então, quem é doido? Eu ou tu?’. – Bosch

[...] As pessoas buscam deixar aquela pessoa isolada. – Dürer

[...] não interessa esse meu lado particular pra eles! Entendeu? É algo assim que... Que não interessa nada a eles. [...] Assim, pessoas que não vão poder me ajudar; porque interessaria? Qual o interesse meu em querer contar? Se eu acho que eles não vão poder me ajudar. E



talvez atrapalhar, né? (risos) Muitas vezes as pessoas atrapalham, sabia? A vida da gente...
– Gentileschi

Frente ao olhar que o outro direcionou, o outro também o lança. Eis a instância de mundo pela qual Heidegger estabelece como o do mundo das relações, o mundo compartilhado (mitwelt). É dentro desta instância que o ser-com age, pois é dentro mitwelt que o dasein se realiza. Como posto anteriormente, ser-com-os-outros é uma instância inalienável da vivência, pois só pode se saber quem se está sendo, se houver a base, o contraponto relacionável ao ser-aí (Castro, 2017; 2019; 2020; Gerner, 2017; Kirchner, 2016).

Há de se atentar, que dois tipos de perspectivas foram vistos no interior dos discursos dos colaboradores. Por um lado, Bouguereau traz sua perspectiva como um processo; se vê como amadurecendo, com base neste seu olhar direcionado ao outro. Percebeu, que não poderia confiar cegamente nas pessoas.

Os outros participantes, acabaram por trazer uma perspectiva muito mais cristalizada e pautada no sofrimento. Do ostracismo trazido por Dürer; com o sujeito que intitula e enquadra compulsoriamente, como dito por Bosch e Le Brun; assim como também aquele que julga, com visto nos extratos de Cassatt e Warhol.

Este carácter apresentado se estabelece justamente pela dialética vista dentro da dimensão do ser-com. É na relação com este outro, no olhar recebido, que retorna transfigurado; sintetizado na base daquilo que se percebe pelo dasein. Assim sendo, o olhar que acaba sendo lançado sobre o outro, acaba por tornar-se diferente. Assume-se, então aquilo que é visto por Gentileschi, um olhar desnecessário, atrelado ao sentido que ela estabelece por “atrapalhar” (Castro, 2020).

O sofrimento expresso pelos participantes nesta categoria, é bastante visível dentro daquilo que Castro (IBIDEM) expõe. Há uma carga de sofrimento expressa dentre cada um dos discursos dos participantes, muito característico do compêndio de emoções e sentidos provenientes do diagnóstico, que compõem a compreensão destes sobre esta dimensão do ser-em-relação com o HIV.



Considerações finais

Ao tentar se estabelecer uma compreensão de um quadro como o HIV, é essencial a necessidade de ir além do senso-comum. A perspectiva de possuir o vírus está longe de qualquer simplificação valorativa, é um espectro dotado de diversas tonalidades.

Há, indubitavelmente, a existência do estigma que se determina em suas compreensões de mundo. Ele se afirma justamente nos olhares direcionados; muitas vezes, pelo próprio olhar, que já se encontra fatigado ao vislumbrar novamente uma nova-velha instância de discriminação.

Assim, o olhar lançado ao outro acaba dotado de uma carga de sofrimento; justamente, por ser um olhar estabelecido em *veritas*, uma instância cerceante do existir, que imobiliza o sujeito frente sua capacidade de ec-sistir. A compreensão vista dentro de *veritas* é aquela que se encontra determinada, estanque e inflexível; um componente dado e composto em função de um passado. Um modo de ser em decadência, justamente por não permitir o fluxo da temporalidade ecs-tática; ou seja, parado e ensimesmado, não mais direcionado para o mundo.

No entanto, mesmo que pareça por meio destas considerações que os participantes desta pesquisa se fecharam em carapaças e caras feias; muito pelo contrário. Eis então que um outro modo de se olhar se apresenta, como *alethéia*, como um desvelamento constante das possibilidades de ser-no-mundo; não mais designados e fechados no interior da impessoalidade de um quadro clínico.

Ao serem perguntados, ao contemplar suas próprias fotos, os olhares de todos alçavam para além de sua imposta sorologia. Foram formados olhares sobre si que iam para além de qualquer tipo de sintoma ou nosologia; se apresentava no real, nas relações estabelecidas por eles, na compreensão de que são muito mais do que pessoas vivendo com o HIV.

Eles não estavam dispostos em unicamente em sofrimento. Se apresentaram para muito além do aparente. Disposto sob o véu da linguagem; ou até mesmo, da arte. Foi a partir do Auto Retrato que a entrevista iniciou, com os participantes sendo tomados de surpresa com o pedido falar sobre quem seria a pessoa que eles viam na foto.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A metodologia oriunda dos registros documentais, então, se apresenta. Por meio desta sugestão, nos dispomos a pensar uma forma diferenciada do modo como os entrevistados poderiam exhibir as suas compreensões. Eis aí, que surge a possibilidade de realização deste Auto Retrato, onde em complemento ao discurso, se apreenderia a disposição da crítica genética.

Ao pedir que os participantes tirassem os seus selfies, pedi a eles que criassem; onde a obra-de-arte em questão se apresenta para além do mero registro fotográfico. O modo como o visor da câmera se estabeleceu frente a lente, frente a figura que olha a tela; eis aí aquilo que Merleau-Ponty estabeleceu como um esquema-corporal. Um elo indissociável, que se representa enquanto criação por meio dos bits e pixels expostos na tela de seus celulares por um corpo – que se é muito próprio – que é encontrado pelo seguinte inquérito: o que você me poderia falar desta pessoa?

Seguindo a estética sobre a ótica de Merleau-Ponty, a criação artística se apresenta como pautada e determinada como um meio de expressão da corporeidade do artista. Seguindo a compreensão de mundo de Heidegger, é aí que é possível se verificar a multiplicidade de olhares estabelecidos sobre o mundo; é por aí que é possível ver o ser-no-mundo destes participantes.

Por mais que haja de fato a característica da vivência do sofrimento decorrente da estigmatização das pessoas que vivem com o HIV; suas experiências de vida não estão dispostas sobre um álbum abarrotado de fotos em preto-e-branco, mas carregadas de cores com acentuada saturação, muito decorrente da experiência da já falada temporalidade ecs-tática. Pois, é por esta temporalidade, que os participantes são capazes de se compreender enquanto projeto; pois compreendem que quem são atualmente foi uma obra determinada pela sua relação contínua para com não somente o diagnóstico, mas com todo o compêndio de suas existências.

Quando falamos, em fenomenologia, sobre o autêntico e o inautêntico, é sempre necessário expor que ambos se apresentam como parte essencial do dasein. Eles não se apresentam em oposição ontológica, fazem parte do mesmo processo; assim como também não devem ser vistas como proposições valorativas, pois – para a fenomenologia – não há uma



compreensão essencialista desprovida de um sujeito, há sempre um fenômeno que liga o ser a seu mundo.

Em resolução, tomar a compreensão de um processo, dentro da fenomenologia, é sempre situar este em um tempo. É neste tempo em que as coisas se dispõem ao indivíduo, é neste tempo em que os participantes foram capazes de digerir e compreender a si-mesmos frente a facticidade do HIV. É dentre este estar-lançado proveniente do diagnóstico e a capacidade de se projetar que o âmbito das potencialidades se apresenta; tendo em vista o caso desta pesquisa, a possibilidade de ser para além do diagnóstico, compreendendo-se enquanto um indivíduo que con-vive com o HIV e não se fecha nele.

Referências

- Angerami-Camon, V. A. (2003). **Psicoterapia existencial**. Pioneira.
- Braga, T. B. M., & Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt**, 23(1), 65–73.
- Castrighini, C., Reis, R., Neves, L., Brunini, S., Canini, S., Gir, E. (2013). Avaliação da autoestima em pessoas vivendo com HIV/AIDS no município de Ribeirão Preto-SP. **Texto & Contexto - Enfermagem**. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000400022>.
- Castro, E. H. B. (2020). **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. Appris.
- Castro, E. H. B. A filosofia de Martin Heidegger. (2017) In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Appris, p. 17-26.
- Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia**, 20(3), 235–244.
- Freitas, M. R. I., Gir, E., & Rodrigues, A. R. F. (2000). Dificuldade sexual vivenciada por mulheres em crise de HIV-1. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 8(3), 76–83. <https://doi.org/10.1590/s0104-11692000000300011>.
- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Fim de século.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

- Gonçalves, T., Carvalho, F., Faria, E., Goldim, J., Piccinini, Cesar. (2009). Vida reprodutiva de pessoas vivendo com HIV/AIDS: revisando a literatura. **Psicologia & Sociedade**. 2009, v. 21, n. 2, pp. 223-232. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200009>
- Gorner, P. (2017). **Ser e tempo**: uma chave de leitura. Vozes
- Heidegger, M. (2018). **Ser e Tempo** (10ª ed.). Vozes.
- Kirchner, R. (2016). A **analítica existencial heideggeriana**: um modo original de compreender o ser humano. *Rev. NUFEN*, 8(2), 112–128.
- Laray, M. M. (2014) **Mães soropositivas**: análise compreensiva do trajeto de vida pós-transmissão vertical à luz da Psicologia Fenomenológica- Existencial. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.
- Martins Filho, J. R. (2010). Heidegger: do ser-com ao ser-com-os-outros. **Prometheus** Filosofia em Revista, 6, 149–16
- Matthews, E. (2011). **Compreender Merleau-Ponty**. Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (2004). **Conversas, 1948**. Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2011). **Fenomenologia da Percepção** (4ª ed.). Martins Fontes.
- Moreira, V., Meneses, A., Andrade, D., Araújo, M. (2010). Fenomenologia do estigma em HIV/AIDS: coestigma. **Mental**, 8(14), 115-131.
- Nascimento, Y. d. A., Filardi, A. F. R., Abath, A. J., Silva, L. D., & Ramalho-de-Oliveira, D. (2018). The phenomenology of Merleau-Ponty in investigations about medication use: constructing a methodological cascade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 51. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017017603296>
- Nóbrega, T. P. (2008). Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estud. psicol.*, 13, 141–148.
- Oliveira, J. H. de. (2015). O ser-no-mundo e seu agir: corporeidade e personalidade em merleau-ponty e ricoeur. **Princípios: Revista De Filosofia (UFRN)**, 19(31), 99-118.
- Poletto, M. P., Heck, C., Calsa, D. C., & Moskovics, J. M. (2015). Pensamentos automáticos e crenças centrais associados ao HIV/AIDS em indivíduos soropositivos. **Temas em Psicologia**, 23(2), 243–253. <https://doi.org/10.9788/tp2015.2-01>



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Porto, R. L. A. (2018). **Sentidos atribuídos a partir do diagnóstico de HIV/AIDS em mulheres transgênero à luz da fenomenologia de Heidegger** [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal do Amazonas.

Sá, A. A. M. d., & Santos, C. V. M. d. (2018). A Vivência da Sexualidade de Pessoas que Vivem com HIV/Aids. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 38(4), 773–786. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622017>

Salles, C. A., & Cardoso, D. R. (2019). Crítica genética em expansão. **Cienc. Cult.**, 59(1), 44–47.

Willemart, P. (2008). A crítica genética hoje. **Alea**, 10(1), 130–139.

Recebido: 14/10/2021 Aceito: 10/12/2021

Autor:

Cicero Benedito Vasconcelos Lalá de Oliveira

Mestre em Psicologia pelo PPGPSI/UFAM. Especializando em Psicologia Clínica de base fenomenológica pelo Instituto Vision/Manaus. Graduado em Psicologia pela FAPSI/UFAM. E-mail: cicero.b23@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9621-6137>